

# Carrascos nas salas de aula dos EUA

## ■ Escola pública ainda usa castigo físico em alunos

ANA MARIA MANDIM  
Correspondente

**B**olos aplicados com palma-tória, palmadas, cutucões, empurrões, puxões de orelha, beliscões — não se trata da descrição de um *round* de luta livre, e sim o que pode ser um dia de aula numa escola pública em 13 estados americanos, onde os professores são autorizados a castigar fisicamente os alunos que consideram rebeldes.

Algumas crianças vão parar no hospital com escoriações generalizadas, mas é raro que o professor sofra alguma sanção porque ele conta com o apoio da direção das escolas e dos pais dos alunos. Estatísticas do De-

partamento de Educação dos Estados Unidos revelam que, na década de 80, cerca de 600 mil crianças, a maioria dos cursos primário e secundário, foram submetidas a alguma forma de castigo corporal.

Esse tipo de permissão é surpreendente, num país onde existe uma severa legislação para sancionar abusos contra crianças. "Acho que o hábito de punir fisicamente faz parte de nossa herança cultural, vem dos tempos da escravidão, quando se usava o chicote", disse ao **JORNAL DO BRASIL** Jimmy Dunne, um professor de matemática em Houston, Texas, que há 30 anos aplicava a palmatória nos estudantes indisciplinados, mas, com o tempo, chegou à conclusão de que a prática é errada e contraproducente.

"As crianças se tornam vio-

lentas, ficam revoltadas, deprimidas, algumas falam que vão se matar", afirma Dunne, que se tornou um campeão da luta pela abolição do castigo físico nas escolas, fundando o POPS (Pessoas Opostas ao Espancamento de Estudantes), uma das 40 entidades existentes nos Estados Unidos com o mesmo objetivo. Graças a elas, caiu para 400 mil o número de crianças castigadas.

É possível que o castigo corporal, permitido nos estados de Idaho, Colorado, Novo México, Texas, Missouri, Arkansas, Louisiana, Mississippi, Alabama, Tennessee, Kentucky, Indiana e Carolina do Sul seja, agora, banido para sempre das escolas dos Estados Unidos. Mais de 7 mil professores encontram-se em Orlando, Flórida, para a reunião nacional dos

diretores de escolas primárias, onde está prevista a votação de uma resolução aconselhando o banimento da prática nos estabelecimentos de ensino.

Militantes das organizações anticastigo físico participam da reunião, tentando influenciar a votação com o argumento de que são custosos e prejudicam a imagem das escolas os processos movidos por pais de alunos quando o castigo é violento demais.

Há outro problema: às vezes, como em Houston, onde o castigo físico foi abolido, a legislação permite que ele continue a ser exercido se a escola e os pais estiverem de acordo. "As pessoas acreditam que é preciso bater nas crianças para elas não se meterem em problemas e, inclusive, nas igrejas se aprende isso", lamenta Dunne.